

RECURSOS LINGÜÍSTICOS NA EXPLICAÇÃO EM TELEJORNALIS: PARÁFRASE E REPETIÇÃO¹

Denise LINO DE ARAÚJO²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de focalizar a repetição e paráfrase como dois dos recursos lingüísticos empregados na construção da explicação em situação de transposição didática nos telejornais. Teoricamente, o trabalho apóia-se no conceito de explicação como atividade lingüística com finalidade didática. Trata-se de pesquisa interpretativista, elaborada na fronteira de dois campos de estudo – os estudos lingüísticos de inspiração sócio-interpretativa e a comunicação social. A análise dos dados revela que, ao lado dos recursos imagéticos, típicos do telejornalismo, quem de fato explica na televisão não são os especialistas, mas os apresentadores, comentaristas e os repórteres que parafraseiam, reformulam, traduzem o que dizem os entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE: Explicação. Telejornalismo. Repetição. Paráfrase.

1 - INTRODUÇÃO

Grande parte dos estudos sobre explicação como um fenômeno da interação social foi realizado na década de 80, do século XX, por autores Suíços, reunidos na escola de Neuchâtel (cf. EBEL, 1981; BOREL, 1980 e 1981; MEIVILLE, 1981; GRIZE, 1980). No Brasil, destacam-se, entre outros, os estudos conduzidos por Signorini (1991, 1993, 1994) e Reinaldo (1994). A perspectiva geral desses trabalhos é enunciativa e interacionista; em outras palavras, neles busca-se a relação conceitual que se estabelece no interstício entre materialidade lingüística e projeção sentido.

As pesquisas desenvolvidas sob essa orientação focalizaram diversas situações de interação, nas quais a necessidade da explicação se faz presente, tais como o discurso escolar, o acadêmico, a elicitación de informações sobre como chegar a determinado lugar, a interação entre letrados e não letrados, etc. Todos, porém, centrados em apenas uma das modalidades da língua, falada ou escrita.

Esses estudos são aqui retomados como parte de uma pesquisa na qual se busca descrever e compreender os processos, recursos e atividades realizadas com a linguagem nos e pelos telejornais, tendo em vista a atividade jornalística de difundir informações. Outra razão para a retomada desses estudos é aplicá-los a usos híbridos das modalidades da língua, pois nos telejornais temos as duas modalidades da língua imbricadas (cf. BARROS 2000, LINO DE ARAÚJO 2003a). Cumpre aqui dizer que não se trata de pesquisa que visa entender os aspectos ideológicos que perpassam qualquer matéria veiculada num telejornal. Não se nega essa realidade, tampouco o fato de os telejornais, e a imprensa de um modo geral, estarem à disposição de um forte aparato ideológico, reproduzindo-o. Tanto este estudo quanto a pesquisa na qual ele se insere procura focalizar o trabalho realizado nos telejornais com e sobre a linguagem, no serviço da disseminação de informações para o grande público.

¹ Este trabalho retoma de forma resumida o capítulo 9 da minha tese de Doutorado Um ‘professor’ no horário nobre: estudo da explicação em telejornais, defendida em abril de 2004 na Faculdade de Educação USP. Este mesmo trabalho foi apresentado como comunicação na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE, em Setembro de 2004, João Pessoa – PB.

² Unidade Acadêmica de Letras – UFCG.

Fortalece esse direcionamento da pesquisa a preocupação dos noticiários com a linguagem, revelada nos manuais de telejornalismo (cf. BARBEIRO e DE LIMA 2002, LINO DE ARAÚJO 2003b) e nas regras internas de cada emissora. O cuidado com a forma pela qual se dirigem à população atravessa a composição desses informativos, todavia este é um campo ainda pouco explorado pelos estudos lingüísticos.

Essa preocupação é também reforçada pelos estudos sobre a comunicação social, que enfatizam a atividade jornalística como uma atividade didática. As pesquisas sobre Agenda Setting (cf. BARROS FILHO, 1999) e Newsmaking (cf. PEREIRA JR., 2001) levaram essa perspectiva adiante. Em síntese, no âmbito desses estudos, pensa-se que os órgãos de imprensa devem cumprir o papel de explicadores da sociedade e para isso devem lançar mão de recursos lingüísticos e imagéticos que tornem didática à exposição dos fatos. Hoje já não se pensa mais em telejornais como uma síntese dos acontecimentos do dia, mas como relatores dos acontecimentos mais importantes de uma região, do país e do mundo; portanto, o relato deve vir acompanhado de contextualização e, por vezes, de opinião.

Em reportagem publicada na Revista Veja, a propósito dos 35 anos do Jornal Nacional, Gabriel Lima (2004, 106) afirma que a linguagem desse noticiário é um dos itens que tem gerado discussões freqüentes entre os jornalistas e editores que o compõem. O autor afirma ter o JN percebido, através de levantamento realizado, que esse programa costuma ser visto em família e que esse grupo, quase sempre, tem um 'explicador' (termo utilizado pela revista) – em geral o pai – que é quem traduz para os demais o teor das notícias mais complexas. Isso revela que muitos telespectadores não entendem perfeitamente o que é dito pelo jornal. Para o repórter, essa questão é ainda mais premente quando se leva em consideração que três em cada quatro telespectadores são das classes C, D, ou E.

Essa preocupação com a linguagem das notícias, reportagens, comentários e outros gêneros que ocupam espaço no telejornal não é uma exclusividade do JN. De modo geral, os telejornais são fonte de informação para uma parcela muita larga da população brasileira e para tal lançam mão não apenas dos recursos imagéticos, típicos dos meios audiovisuais, mas de todo um conjunto de recursos lingüísticos típicos da interação em contexto didático de repasse de informação. Mesmo os telejornais mais formais, aparentemente menos preocupados com o telespectador e voltados para as classes A e B, como o Jornal da Record, tal como será mostrado neste trabalho, têm dado grande importância à dimensão explicativa das informações.

O objetivo deste trabalho é o de focalizar a repetição e a paráfrase como recursos lingüísticos da explicação em situação de transposição didática nos telejornais. Teoricamente, este estudo apóia-se no conceito de enunciação e no de explicação como atividade lingüística com finalidade didática. Trata-se de pesquisa interpretativista, elaborada na fronteira de dois campos de estudo – os estudos lingüísticos de inspiração enunciativa e a comunicação social.

Os dados aqui analisados integram um trabalho mais abrangente, referem-se à crise energética brasileira de 2001, mais conhecida como Apagão, e foram gravados em VHS no momento da sua exibição no Jornal da Record, veiculado pela Rede Record de Televisão. O subgrupo aqui analisado faz parte de um *corpus* ampliado, que conta com 33 edições completas gravadas no período de abril a junho de 2001, com mais de 50 reportagens e comentários didáticos. Dentre os gêneros telejornalísticos que se baseiam na exposição, apenas esses dois foram contemplados neste trabalho. É importante esclarecer que para os limites deste trabalho são focalizados apenas dados do JR, mas os mesmos recursos são igualmente identificados em outros telejornais (para uma visão completa do assunto, consulte Lino de Araújo, 2004).

2. TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E EXPLICAÇÃO NO TELEJORNAL: ATIVIDADES LINGÜÍSTICAS

O estudo sobre os recursos lingüísticos utilizados em telejornais para a explicação de temas de grande repercussão pública, como a crise energética, por exemplo, supõe que vários aspectos indissociados sejam levados em consideração. Um deles diz respeito às condições enunciativas,

outro à descrição das seqüências explicativas e outro, ainda, diz respeito à noção de transposição didática, no âmbito do jornalismo. Neste trabalho, por questão de espaço, apenas o primeiro não será enfatizado, mas será tomado como um pré-requisito dos demais.

Segundo Amsterdanski (1996, p.159-179), as condições gerais para a existência da explicação incluem a presença de uma situação de desequilíbrio de conhecimentos, sendo o caso primeiro a explicação de *X* para alguém. No entanto, para que se consolide, a 'clareza', i.e, a possibilidade de compreensão, o acréscimo de informação, a restituição de causas e justificativas, é condição *sine quae non*. Para isso, não basta ser mera informação, é preciso que esteja adequada e modifique a condição inicial daquele que busca ou pede explicação, portanto, nas palavras do autor (p. 156), "é preciso estudar as condições que a explicação deve preencher para colmar as lacunas do conhecimento."³

Entendendo que a atividade de divulgação de informações e/ou repasse de conhecimento compõe uma das esferas da vida em sociedade, sendo a que faz a mediação entre a esfera científica e a vida cotidiana, por exemplo, ou a esfera política e a ação social, considera-se, no contexto deste trabalho, legítima a discussão sobre explicação (sua formulação, perspectivas, características e funções) no âmbito do discurso telejornalístico.

O que legitima a explicação é a noção de enunciação, na qual está imbricado o valor que os coenunciadores se atribuem, bem como a noção de práticas sociais e discursivas.⁴ Desse modo, uma narrativa, uma piada, assim como uma explanação teórica e uma reportagem pode ter valor explicativo dependendo das condições enunciativas em questão. Portanto, o efeito explicativo se constrói no jogo lingüístico quando os interlocutores se engajam na sua construção. Pode-se dizer que se a intenção explicativa é posta por uma das partes, seja aquela que solicita ou aquela que pode apresentar a explicação, o efeito, então, tem possibilidades de se estabelecer. Nesse sentido, é a explicação uma seqüência textual naturalmente cooperativa.

Doumazane (1985, p.27-34), assim como outros autores, admite que uma das principais atividades jornalísticas consiste em explicar os fatos e não apenas descrevê-los. Já para Peytard (1984), a explicação de uma matéria nos telejornais é uma atividade decorrente da reformulação de textos. Esse autor (idem, p.27) destaca o trabalho realizado pelos jornalistas e também pelos professores na reformulação de textos científicos, apresentando-os como agentes primários desse processo. O autor considera ainda que jornalistas são também, em certa medida, professores por que têm como escopo do seu trabalho a explicação, o esclarecimento, o estabelecimento de relações. Diz que da prática de transformação de textos, comum nas redações, resulta um documento equivalente ao original (ou originais), mas modificado em seus processos discursivos; tal prática lança mão de uma retórica que procura preservar o núcleo central de toda alteridade, evitando reformulações sobre o mesmo. O autor destaca como atividades de reformulação a tradução, a reescritura, a exposição didática, o discurso relatado e a paráfrase. Todas essas presentes nos telejornais.

Brey (1984, p.69-79) defende que a atividade de reformulação de textos, que é em síntese uma atividade de transposição didática, é fundamental para o pleno entendimento de um conceito pelo domínio público, e isto resulta na (re)organização de áreas e de saberes a partir de reformulações sucessivas. Tal 'entendimento' é, na visão desse autor, uma ação ativa, que consiste, primeiramente, em reconhecer a especialidade à qual o conceito se aplica. Em segundo lugar, consiste em utilizar o conceito em domínios diferentes deste primeiro, difundindo-o, numa versão adaptada a destinatários com diferentes níveis de atenção e acolhida.

³ Como a tradução do texto é de uma editora portuguesa, muitas vezes é preciso buscar palavras mais próprias do uso do português brasileiro. Entre nós, a tradução mais usual seria algo como: *....as condições em que a explicação preenche as lacunas do conhecimento.*

⁴ Adoto aqui a noção apresentada por Fairclough (2001, p.99), segundo a qual a prática discursiva não se opõe a prática social: a primeira é uma forma particular da última. Em alguns casos, a prática social pode ser inteiramente constituída pela prática discursiva, enquanto em outros pode envolver uma mescla de prática discursiva e não-discursiva.

Em resumo, no âmbito do trabalho jornalístico, a transposição didática é uma ação cotidiana, embora os profissionais do setor não utilizem esse termo científico para denominar aquilo que fazem, mas recorrentemente fazem alusão à necessidade de clareza e objetividade em seus textos, em outras palavras, referem-se à necessidade de uma explicação ‘clara’.

Do ponto de vista lingüístico, Ebel (1981) e os autores da escola de Neuchâtel admitem que um evento comunicativo não é explicativo em si mesmo, mas pode assimilar uma dimensão explicativa decorrente da situação de interlocução. É a situação de comunicação social que instaura ou não a necessidade de a interlocução assumir uma dimensão explicativa. No caso das situações de ensino, sejam institucionais ou não, essa dimensão se apresenta como inerente ao repasse de informação.

Essa perspectiva também admite que há uma associação entre explicação e efeito didático, de modo que todo procedimento explicativo, ainda que não seja um evento didático, guarda, em tese, a intenção de fazer alguém compreender algo.

Ebel (1981, p.16) afirma que, de modo geral, a explicação está relacionada à causalidade. Nesse sentido, em suas palavras, “explicar tende a se confundir com os verbos dizer e repetir. De outro lado, todo discurso pode ser compreendido como o desenvolvimento de outros discursos que visam a esclarecer.”

Com relação à organização lingüística das seqüências explicativas nos diversos discursos, há vários modelos (Borel, 1980; Meivelle, 1981; Signorini, 1993), que foram tomados como referência. A literatura os descreve como aplicados a textos eminentemente orais ou genuinamente escritos, por isso, tais modelos são potencialmente adequados às reportagens e comentários exibidos em telejornais. Todavia, levando-se em consideração que estes são textos híbridos, acredita-se que esses modelos devem sofrer algumas adaptações.

De acordo com a literatura citada, a explicação se revela como uma seqüência textual no âmbito do discurso jornalístico, está encapsulada pela dimensão interacional e é formulada em três etapas. A primeira pode ser composta pelo ancoramento ou pela formulação do problema. Quando se tem o ancoramento, dá-se uma contextualização, é como se aplainasse o campo da discussão estabelecendo marcos do que já é supostamente conhecido por parte do telespectador. Quando se tem a (re)criação de um questionamento, tem-se a formulação do problema propriamente dita. Nos modelos descritos na literatura, os autores falam em uma ou outra forma de entrada da seqüência explicativa e aqueles que se definem por uma não mencionam a outra, mas, neste trabalho, admite-se que ambas são formas de abertura da seqüência explicativa, não são excludentes, e na explicação que se constrói no e para o telejornal, em alguns casos, chega-se até a identificar as duas numa mesma abertura.

No que diz respeito à formulação do problema, convém esclarecer dois pontos. Primeiro, para os autores estudados, dentre eles Adam (1993, p.132), as questões capazes de suscitar a explicação são encabeçadas pelos operadores *por quê* e *como*. Os demais suscitam respostas muito pontuais não se configurando, portanto, em uma explicação. Segundo, não é necessário que uma pergunta seja formulada, mas é indispensável que a reportagem ou o comentário insinue que vai expor algo que telespectador desconhece *in totum* ou em parte, seja isto da ordem do dizer, do fazer ou do ser. A inversão em relação aos modelos anteriormente descritos dá-se nesse ponto porque eles previam que o explicatário apresentaria uma questão ao explicador. No caso dos telejornais (e da imprensa de um modo geral) supõe-se o que o público quer saber. Portanto, quem propõe a ‘questão’ é o explicador (aqui o telejornal) e ele mesmo responde, i.e, arranja discursivamente os elementos da resposta. Essa postura decorre de uma espécie de ‘contrato’ tácito de comunicação cuja origem remonta ao surgimento do jornalismo e sem dúvida está ligado ao papel da imprensa nas modernas sociedades democráticas.

A segunda etapa da explicação é a consolidação do núcleo explicativo. Nesta etapa, o discurso, inicialmente, parece ser ideacional, i.e, está voltado para o assunto; as operações lingüísticas aí desenvolvidas visam a restituir, recuperar ou simplesmente apresentar a ‘verdade’ dos fatos, entretanto, a dimensão lingüística se coloca como a síntese das outras duas dimensões – a interacional e a ideacional. É nessa segunda etapa que se colocam as atividades de seleção do objeto da explicação, enriquecimento ou reformulação, seguidas, às vezes, da abstração, uma vez que se

tem como referência o padrão letrado presente na divulgação científica e nas aulas. Vale lembrar que não se faz necessário que todas essas atividades apareçam em todas as explicações. Como as reportagens e os comentários têm um tempo exíguo, por vezes, nem sempre é clara a passagem de uma atividade para outra.

A terceira e última etapa, o fechamento, pode ser feita com uma sentença sumarizadora, uma sentença generalizadora, ou que promova uma abstração, ou ainda com uma sonora e mesmo com o retorno da palavra ao apresentador que acrescenta mais alguma informação. Não há como se realizar o fechamento com um acordo entre os interactantes, como prevêem originalmente os modelos que descrevem a explicação em textos falados, devido à dificuldade material de existir *feedback* imediato. Talvez, por isso, seja comum a explicação simplesmente terminar no núcleo explicativo, que é o cerne da atividade.

Em suma, do ponto de vista da formulação, a explicação pode ser vista como uma atividade lingüística estruturada sobre três eixos: o cognitivo/ideacional, o lingüístico e o interacional. Para os autores da escola de Neuchâtel, esse terceiro eixo quase sempre prevalece. Para os estudos de comunicação social, a explicação é uma atividade inerente à atividade jornalística de informar; é o resultado da transformação de textos-fontes em textos de divulgação, tal trabalho tem sempre em vista o consumidor, seja ele leitor, telespectador ou ouvinte, portanto, para esses estudos também prevalece o eixo interacional.

Recursos lingüísticos como a exemplificação, diferentes tipos de perguntas, definição e tradução de termos, a construção de imagens, infográfico, expressões idiomáticas, argumento por autoridade, repetição, paráfrase, analogia e comparações, contextualização, entre outros, aparecem ao longo das três etapas de formulação da explicação, mormente no núcleo explicativo.

Na seção a seguir, apenas as repetições e as paráfrases vão ser apresentadas porque são os recursos mais recorrentes no *subcorpus* do JR. A análise de outros recursos está em Lino de Araújo (op. cit.).

3. DIZER O MESMO DE OUTRA FORMA: REPETIÇÃO E PARÁFRASE A SERVIÇO DA EXPLICAÇÃO

Os comentários se mostram como terreno fértil para a explicação. Isto significa dizer que como eles não contam com o apoio das imagens é de fato no âmbito do lingüístico que são construídos. Nesse gênero, percebe-se que a repetição e a paráfrase tendem a ser os recursos mais recorrentes, como se demonstra a seguir.

Exemplo 1

Telejornal JR– No. de blocos 5 Tempo: 0: 01: 29	Tema focalizado: Apagão - Bloco em andamento: 3/4	Data: 22 - 05 Arquivo: 01
<ol style="list-style-type: none"> 1. Boris: /.../ há grande expectativa no mercado financeiro sobre as taxas de juros que serão decididas <u>amanhã</u>. Salete quais são as expectativas do mercado quanto ao novos, possíveis novos juros? 2. Salete Lemos: (comentarista) O mercado está dividido Boris, mas o interessante é que tá dividido em torno de um mesmo ponto que é exatamente a crise energética. Enquanto alguns analistas, economistas e operadores <u>apos-tam</u> que o Banco Central vai manter a taxa inalterada, outros acreditam numa nova elevação de meio ponto percentual. Aqueles que apostam na ma-nu-tenção dos juros em 16,25% ao ano <u>a-le-gam que</u> uma nova puxada nas taxas nesse momento comprometeria em demasiado os resultados da economia, já <u>a-ba-lada</u> pela crise energética. Já aqueles que acreditam e <u>defendem</u> uma nova rodada de alta na taxa selic <u>a-le-gam que</u> com a crise energética o governo querendo ou não vai ter de frear um pouco mais o consumo interno por conta dos efeitos negativos do racionamento, queda na produção industrial, maiores dificuldades na exportação, possível crescimento nas importações e, claro, maiores pressões sobre a inflação já que o racionamento vai encarecer o preço da luz. Fato é que no final do dia cresceram as apostas numa alta de juros de meio ponto percentual a ser confirmada ou não amanhã, Boris. 3. Boris: Obrigado Salete. 	<p>Boris, no centro da tela, sob selo da cobertura econômica à sua esquerda: duas setas, uma verde e outra vermelha, em sentidos opostos sobre um telão numérico. Há também uma seta ascendente.</p> <p>Boris e Salete frente a frente, enquadrados pela câmara central.</p> <p>Salete em close, mais à direita, enquadrada por uma câmara que está diagonal.</p>	

Esse comentário tem como propósito apresentar o panorama das expectativas do mercado antes do anúncio da reunião mensal do Copom – Conselho de Política Monetária. Uma primeira apreciação indica que, mais do que uma dimensão explicativa, propriamente dita, tem-se, nesse exemplo, uma espécie de discurso explicativo em si.

Quanto à estrutura do comentário, verifica-se que segue o padrão clássico com ancoramento – O mercado está dividido Boris, mas o interessante é que tá dividido em torno de um mesmo ponto que é exatamente a crise energética – núcleo explicativo – Enquanto alguns analistas, economistas e operadores apos-tam que o Banco Central vai manter a taxa inalterada ... vai encarecer o preço da luz – e fechamento – Fato é que no final do dia cresceram as apostas numa alta de juros de meio ponto percentual a ser confirmada ou não amanhã. Chama atenção, porém, nos dois primeiros segmentos, o fato de que uma mesma estratégia é utilizada: a repetição. Esta estratégia é, em determinados momentos, um recurso retórico que mantém o paralelismo entre as construções, como em a-le-gam que uma nova puxada nas taxas nesse momento/ a-le-gam que com a crise energética o governo. Em outros momentos, a repetição é um recurso que favorece a progressão temática com o compromisso de variar pouco o léxico ligado ao tema central. Isto é o que se vê na repetição de apostar (2 vezes o verbo e 1 vez o substantivo aposta), dividido (2 vezes), acreditam (2 vezes), racionamento (2 vezes) e crise energética (2 vezes). Este recurso é levado adiante em praticamente todas as situações possíveis de serem usadas no texto, numa demonstração de que a repetição se coaduna com a linguagem dos telejornais, particularmente a dos comentários,

justamente porque se o tempo a eles destinado é exíguo não adianta sobrecarregá-los de informações.

Do ponto de vista lingüístico, a repetição é vista como um recurso essencial à construção dos textos, tanto os orais quanto os escritos. Apenas uma visão prescritivista da linguagem é que se arvora a apontar esse recurso a priori como inadequado. Diversos autores têm estudado esse recurso, indicando diversas funções textuais e discursivas por ele desempenhadas em diversos gêneros textuais, tanto na língua falada quanto na língua escrita.

Para Antunes (1994, p.132), “o termo repetição indica todo processo reiterativo embutido na reocorrência da mesma palavra e na sua substituição por outra que, de alguma forma, lhe seja equivalente.” Essa mesma autora admite que existem basicamente dois tipos de repetição, um primeiro que denomina de acidental, e, na sua opinião, não é coesiva, dado que não se verifica, para além da reincidência de sentido, algum propósito discursivo reiterativo. O outro é a repetição coesiva, que se caracteriza por atuar como elemento de ligação entre os contextos de inserção das unidades, estabelecendo, desse modo, pontos de contato entre os vários segmentos do texto. Nesse sentido, conforme a autora (idem, p. 32), a repetição ultrapassa a simples reincidência do sentido atualizado, mas requer que o fio da unidade textual se mantenha.

Não apenas no exemplo anterior, mas em todo o corpus analisado, essas observações de Antunes sobre a repetição coesiva e sobre o seu posicionamento no texto se aplicam. Quanto ao aspecto coesão, no exemplo ora focalizado, ele se mostra evidente, pois a repetição não só cria a coesão como torna o texto compreensível para o telespectador, polarizando os dois grupos de expectativas sobre a alta dos juros. Nos dois casos, os verbos alegar, apostar e acreditar são usados para delinear os diferentes horizontes quanto à expectativa pela realização da reunião da Copom. Quanto ao posicionamento, verifica-se a repetição ocorre tanto no ancoramento quanto no núcleo, onde se mostra de modo mais evidente. Destaca-se que o ancoramento é tendencialmente a posição mais utilizada dado que, em geral, a comentarista repete inicialmente um trecho da pergunta feita por Boris.

No exemplo analisado, verifica-se que as repetições apresentam algumas das características descritas, sobretudo as funções didática e argumentativa que parecem ser inerentes à repetição no comentário apresentado na TV. Por esse viés, tais funções corroboram o status pedagógico dos comentários, centrados num só tópico cuja progressão e se dá ora pela repetição ora pela paráfrase da idéia central. Assim, conforme o exemplo, o JR parece proceder a uma topicalização de temas nos comentários, visando, com isso, telespectadores supostamente menos informados.

Em suma, pode-se afirmar que quando a explicação se estrutura com base na repetição dá relevo à dimensão interacional da atividade explicativa, tendo em vista, entre outros aspectos, monitorar o telespectador, apresentar reiteradamente índices que lhe permitam seguir o curso da exposição e enfatizar determinadas informações. Pode-se concluir, portanto, que a repetição é uma estratégia lingüística fundamental à construção da explicação no telejornal.

Além do estudo da repetição como uma estratégia lingüística, há outros estudos sobre a repetição como estratégia constitutiva da linguagem da TV. Rocco (1989, p.113), estudando os comerciais da televisão, e de certa forma ainda vinculada a um padrão lingüístico de apreciação da repetição, afirma que:

repetir é inerente à ‘gramática’ dessa modalidade comunicativa. No entanto, refletindo-se agora num outro nível e tendo em vista a especificidade do verbal na televisão, bem como seu *timing* próprio, ou seja, a extrema rapidez na veiculação das mensagens, concluímos que o ‘rabâchage’ [bater na mesma tecla] acaba por não ocorrer, visto que a consequência mais evidente do fenômeno seria a de causar cansaço no ouvinte em virtude da repetição incessante. Repete-se, sem dúvida, e incessantemente, mas não se trata de um tipo de repetição que sempre canse o receptor. Antes observa-se uma redundância que amplia significações e garante a presença do objeto-tema.

Dessas observações de Rocco, verifica-se no corpus a repetição como um elemento que garante a significação e a progressão temática, sobretudo nos comentários de economia que não costumam contar com o apoio da imagem, e abordam temas relativamente complexos para o grande público. Com a ausência das imagens, constata-se que são as repetições que garantem ao telespectador que se continua falando sobre o mesmo assunto.

Fischer (1997, p.70), numa pesquisa sobre a linguagem da televisão, tendo em vista compreender e descrever os modos concretos e as atuais estratégias complexas de construção de sentido através da mídia eletrônica, analisa esse recurso desde a mínima materialidade e reconhece que um dos primeiros modos da 'comunicação pedagógica' (termo da autora) posta em curso pela televisão baseia-se na repetição. Além da repetição de estruturas e temas, a autora prevê também outra tendência da televisão que ela chama de 'televisibilidade' e, segundo a sua opinião, está presente na maioria dos produtos. Sobre isso ela afirma (idem, p.71):

Poderíamos dizer, então, que programas e comerciais misturam-se a partir de uma mesma lógica que inclui, entre outras características: uma certa pressa em narrar os fatos e mostrar as pessoas e acontecimentos; a redundância pela qual se apanha o espectador disperso; a ênfase no icônico; uma sempre presente dose de sentimentalismo; a inclusão crescente da voz das pessoas comuns, que passam a falar como estrelas do showbiz; a insistente publicização da vida privada, sobretudo da sexualidade de pessoas simples ou famosas; o elogio do presente e da vida e morte como espetáculo; e a recorrência circular da mídia em relação à própria mídia.

Essas observações podem ser confirmadas nos comentários, entrevistas e reportagens que focalizam um mesmo tema e se dispõem a explicá-lo. Nesses casos, há tanto a redundância quanto a recorrência circular da mídia em relação à própria mídia. Quanto à primeira, o recurso de preparar e, muitas vezes, retomar a fala de especialistas se mostra como um tipo de redundância parafrástica. Quanto à segunda, observa-se no corpus que o comentário de Salette responde a uma questão proposta pelo âncora, a propósito de uma notícia que ele acabou de apresentar. Isto é um exemplo de recorrência.

Não obstante o tempo exíguo em que são veiculados, os telejornais, como qualquer outro programa de televisão, se valem tanto da repetição lingüística quanto estrutural. Kottak (1991, p.50) admite que isso se dá porque assistir televisão nunca é uma atividade isolada, a atenção é partilhada com outros afazeres. Daí a necessidade de o próprio veículo providenciar a sua manutenção no espaço da interação, reiterando sempre.

Conforme anunciado anteriormente, a paráfrase é outro recurso explicativo utilizado pelos telejornais. Vale lembrar que esse é um dos temas recorrentes no âmbito das diversas correntes dos estudos lingüísticos.

Na análise dos dados, verifica-se que as paráfrases são utilizadas como recurso explicativo tanto nos comentários quanto nas reportagens que têm um propósito didático. No *corpus* analisado duas reportagens desse tipo são encontradas. Nelas, a paráfrase aparece não raro nas falas dos repórteres que antecedem as sonoras; isto é o que neste trabalho chama-se de 'fala embalada' e tem-se, então, uma inversão do que normalmente ocorre, pois o enunciado fonte se encontra na sonora, que é sempre introduzida em segundo lugar. A paráfrase aparece antecipadamente graças aos recursos de edição. Neste caso, os marcadores parafrásticos não costumam aparecer e a atividade de parafraseamento se pauta por um resumo da intenção do dizer do entrevistado, como se pode observar nas falas de 8 a 11, do exemplo apresentado a seguir.

Exemplo 2

Telejornal JR– No. de blocos 5 Tempo: 0: 01: 33	Tema focalizado: Apagão - Bloco em andamento: 1	Data: 06 - 06 Arquivo: 02
<ol style="list-style-type: none"> 1. Boris: As vendas de geradores aumentaram com o racionamento, mas enquanto o setor comemora, especialistas em meio ambiente se preocupam com o combustível da maioria dos geradores: o óleo diesel. 2. Maria Paula (São Paulo) em off: a sombra do apagão não ameaça os 150 funcionários da CUMMINS. Pelo contrário, mais 20 pessoas foram contratadas pela fabricante de geradores para dar conta das encomendas. 3. Jaime Teixeira de Queiroz (Dir. da Cummins Latin American): Nós dobramos a produção nesses últimos dois meses e temos perspectiva de triplicar a produção nos próximos meses. 4. MP: Todos os 30 geradores desse empresário foram alugados e a procura continua grande. 5. Getúlio Groba (Dono da Germatec): Estão todos locados, com exceção de alguns que estão na oficina para serem reparados e que também já estão comprometidos. 6. MP: Alugar um gerador foi a alternativa da indústria de tecidos para reduzir o consumo em 15% sem demitir ninguém. A economia de energia tem sido tão grande que a empresa já pensa em ter um gerador próprio. 7. Fabiano Deleu (Dir. Ind. Têxtil Deleu): quando acabar essa história de racionamento eu vou conseguir diminuir o meu consumo de energia e conseqüentemente diminuir a minha conta. 8. MP (close): Por enquanto ainda não dá para precisar quantos novos geradores foram instalados e quanto de óleo diesel eles vão consumir, mas os especialistas já fazem um alerta: este aumento no número de vendas de geradores pode trazer sérios prejuízos ao meio ambiente. É que o óleo diesel é o mais poluente dos combustíveis. O professor em poluição da faculdade de medicina da USP diz que o impacto negativo é inevitável, principalmente para quem for vizinho de um gerador. É o mesmo que ter um caminhão funcionando o tempo todo na porta de casa. 9. Paulo Saldiva (Lab. Poluição Fac. Méd. USP): vão emitir o que os motores diesel emitem: partículas tóxicas, hidrocarbonetos, óxido de enxofre, óxido de nitrogênio. Resumindo: dano à saúde da população. 10. MP: Prevendo o pior, a secretaria do Meio Ambiente de São Paulo está buscando uma solução. 11. Ricardo Trípoli (Secr. Est. Meio Ambiente): Nós fizemos uma sugestão ao governo federal nos últimos dias para que adicione mais álcool no diesel e com isso obviamente minimizar os índices de poluição que vai para o ar. 	<p>Plano americano em Boris. Vê-se à sua esquerda um selo com torres de transmissão de energia</p> <p>Funcionário trabalhando em pátio de fábrica</p> <p>Entrevista no pátio anteriormente focalizado</p> <p>Foco em outro pátio do mesmo estilo</p> <p>Entrevista em ambiente similar Teares automáticos funcionado</p> <p>Entrevista junto aos teares. Plano americano</p> <p>Plano americano. Repórter em área residencial aberta.</p> <p>Imagens de homem, escrevendo, fazendo cálculos.</p> <p>Entrevista em escritório, vê-se birô e estante com livros.</p> <p>Imagens do tempo em SP Entrevista em um corredor.</p>	

Nesse exemplo, observa-se, tanto na fala 8 quanto na 10 da repórter, a antecipação resumidora do que vai ser dito pelos dois especialistas. Para Reboul (1992, p.101), essa reformulação antecipada pode acontecer. No *corpus* de jornais franceses ela investigado, o enunciado fonte contém o termo-pivô ou termo-chave que é retomado e antecipado na fala do repórter. Vê-se que isso ocorre no primeiro par passagem-sonora, cujo termo chave é motor a diesel, parafraseado no primeiro momento por 'caminhão', como se os únicos motores movidos a diesel fossem os desse tipo de veículo auto-motor. Aqui ocorre o que Hilgert (1999, p.123) chama de deslocamento de sentido, cuja alteração pode se dar no léxico ou na sintaxe.

Dos três tipos de paráfrase que esse autor descreve⁵, – (1) paralela, quando se o deslocamento de sentido é praticamente inexpressivo, (2) expansiva, quando o deslocamento de sentido é do geral para o específico, (3) redutora, quando o deslocamento é do específico para o geral - no trecho acima, vê-se a paráfrase redutora, dado que se passa do específico – caminhões – para o geral – motores a diesel.

Verifica-se no *corpus* ampliado a tendência desse tipo de paráfrase aparecer na fala do repórter que antecipa uma sonora, é como se ele já apresentasse um exemplo. De acordo com Hilgert (op cit: 125), essa paráfrase tem como função: (a) conferir uma denominação adequada, mais simples ou abrangente a uma formulação complexa ou demasiadamente específica; (b) resumir o conjunto de informações que a matriz contém. No trecho reproduzido, nota-se que a função (a) se realiza, pois ‘motores a diesel’ é uma denominação mais apropriada do que caminhões que era demasiadamente específico para a situação descrita. Vale destacar que toda essa operação lingüística dá-se no núcleo da explicação. No exemplo, como se poderá constatar há não um fechamento propriamente dito, a explicação é encerrada no núcleo.

As paráfrases também aparecem nos comentários conforme será mostrado a seguir.

Exemplo 3

Telejornal JR– No. de blocos 5 Tempo: 0: 01: 20	Tema focalizado: Apagão – Bloco em andamento: 3/4	Data: 25 – 05 Arquivo: 01 22 a 25/05
<p>1. Boris: A produção industrial brasileira caiu 1,6% no mês de abril em relação ao mês anterior. Em comparação com abril do ano passado houve, porém, crescimento de 6,1%. A produção de bens de consumo duráveis foi a que registrou a maior queda 5,0%. Segundo o IBGE a alta nas taxas de juros influenciou o desempenho desse grupo. Salete, algum destaque nessa queda de 5,0% na produção de bens de consumo duráveis?</p> <p>2. Salete: Eletrodomésticos Boris, e olha que nós tivemos aí um crescimento de mais de 15% nos primeiros três meses do ano. Crescimento em abril - produção industrial eletroeletrônicos domésticos - não chegou a 3,0% contra <u>15%</u> no primeiro trimestre. 3,0% em relação ao mês de abril do ano passado. As vendas cresceram. As vendas cresceram cerca de 8,5% em abril na comparação com abril do ano passado, portanto, as vendas foram maiores do que a produção industrial. O que quer dizer que apesar dos trancos dos juros, alta do dólar e as expectativas agora bem menos otimistas em relação a nossa economia temos este ano, <u>por enquanto</u>, resultados melhores do que tivemos no ano passado. São resultados que começaram a perder qualidade com a desaceleração da produção industrial e também da desaceleração a partir do mês de abril, a desaceleração veio por conta, claro, da alta dos juros, anunciadas em 18 de abril quando as taxas passaram de 15,75 para 16,25 ao ano. Em maio, vale lembrar, nós tivemos uma outra puxada, os juros passaram de 16,25 para 16,75%, com o impacto na produção e nas vendas <u>ainda</u> não aferido e que junto com o racionamento de energia vai, claro, se traduzir em novas quedas tanto na produção industrial quanto nas vendas. Leia-se aí menor oferta de empregos, o que, no dia a dia, significa maior necessidade de controle de orçamento, Boris.</p> <p>3. Boris: Obrigado, Salete.</p>		<p>Boris, no centro da tela, sob selo do crescimento econômico à sua esquerda: duas rodas dentadas, encaixadas.</p> <p>Boris e Salete frente a frente, enquadrados pela câmara central.</p> <p>Salete em close, mais à direita, enquadrada por uma Câmara que está diagonal</p>

⁵ Apresenta-se aqui uma discordância em relação à nomenclatura apresentada por Hilgert. Com base nas definições apresentadas pelo autor, melhor seria chamar de redutora o segundo tipo de paráfrase, uma vez que nessas passa-se do geral para o específico. Da mesma forma, melhor seria denominar de expansiva o terceiro tipo de paráfrase, já que nelas passa-se do específico para o geral.

Verifica-se que esse comentário tem como objetivo traduzir para o telespectador a conjuntura econômica e para isso se utiliza de recursos que são tipicamente de parafraseamento. O ancoramento inicia-se com um breve panorama da balança comercial, tendo como referência o primeiro trimestre do ano de 2001 e o mês de abril do ano anterior. Repete-se, por duas vezes, que houve crescimento industrial de 15% nos três primeiros meses do ano e apenas 3,0% no mês de abril – Eletrodomésticos Boris, e olha que nós tivemos aí um crescimento de mais de 15% nos primeiros três meses do ano. Crescimento em abril – produção industrial eletroeletrônicos domésticos – não chegou a 3,00% contra 15% no primeiro trimestre. 3,0% em relação ao mês de abril do ano passado. Isto também vale para a indicação das vendas. Por duas vezes repete-se que as vendas, ao contrário da produção industrial, cresceram 8,5%.

Depois, passa-se ao núcleo que é aparentemente confuso e estruturado com base em duas reformulações. Primeiro, uma aponta para os fatores que poderiam ter causado a queda na economia, mas que, segundo Salette, não foram os responsáveis diretos, ainda que se pense assim – O que quer dizer que apesar dos trancos dos juros, alta do dólar e as expectativas agora bem menos otimistas em relação a nossa economia temos este ano, por enquanto, resultados melhores do que tivemos no ano passado. Em seguida, há uma nova reformulação que interfere sobre a anterior – São resultados que começaram a perder qualidade com a desaceleração da produção industrial e também da desaceleração a partir do mês de abril, a desaceleração veio por conta, claro, da alta dos juros, anunciadas em 18 de abril quando as taxas passaram de 15,75 para 16,25 ao ano. Em maio, vale lembrar, nós tivemos uma outra puxada, os juros passaram de 16,25 para 16,75%, com o impacto na produção e nas vendas ainda não aferido.

Como há fatores semelhantes numa e noutra reformulação – alta dos juros – o comentário passa a se utilizar, então, dos recursos de parafraseamento para demonstrar que, em suma, a alta dos juros e o racionamento de energia são as causas da queda na produção industrial no mês de abril do ano 2001.

O fechamento apresenta uma dupla paráfrase sumarizadora do núcleo da explicação - Leia-se aí menor oferta de empregos, o que no dia a dia significa maior necessidade de controle de orçamento.

A explicação apresentada por Salette Lemos, neste comentário, é do tipo que busca restituir as causas, ou, como declara Borel (1980, p.22), é o tipo de explicação que não se esgota na descrição é preciso introduzir os chamados elementos heterogêneos (ou elementos estranhos ao conjunto) para poder apresentar um quadro compreensível, no qual as relações de causa e consequência sejam (re)estabelecidas.

No que diz respeito à paráfrase, esse comentário oferece bons exemplos de como esse recurso é usado. Observa-se que há uma primeira paráfrase:

A. enunciado fonte: As vendas cresceram. As vendas cresceram cerca de 8,5% em abril na comparação com abril do ano passado, portanto, as vendas foram maiores do que a produção industrial.

B. enunciado réplica: O que quer dizer que apesar dos trancos dos juros, alta do dólar e as expectativas agora bem menos otimistas em relação a nossa economia temos este ano, por enquanto, resultados melhores do que tivemos no ano passado.

Esta é uma paráfrase marcada; iniciada pelo operador explicativo quer dizer que que lingüisticamente assinala a transformação do enunciado-fonte. Aqui se mantém a equivalência semântica, conforme propõe Hilgert (1999, p.115), mas há também um deslocamento de sentidos, pois não se trata de uma paráfrase paralela – aquela que só se diferencia da sua matriz por variações lexicais mínimas mantendo com ela uma simetria sintática (HILGERT, idem, p.125). O enunciado réplica tem um claro valor explicativo e a reformulação do enunciado fonte deixa entrever que se mantém a perspectiva inicial de que há crescimento na economia. O deslocamento de sentido dessa reformulação dá-se, por sua vez, pelo levantamento de outros fatores – alta dos juros, alta do dólar, racionamento de energia, desaceleração da produção industrial – que poderiam prejudicar a economia, mas ainda não haviam se manifestado *in totum*. Isto deixa ao telespectador a mensagem subliminar de que o quadro poderá (deverá) mudar, tal como assinala o modalizador *por enquanto*.

Na seqüência desse núcleo explicativo, há uma reformulação, conforme já indicada, e dentro dele duas paráfrases:

A. Enunciado fonte: (...) São resultados que começaram a perder qualidade com a desaceleração da produção industrial e também da desaceleração a partir do mês de abril (Em maio, vale lembrar, nós tivemos uma outra puxada, os juros passaram de 16,25 para 16,75%, com o impacto na produção e nas vendas, ainda não aferido) ... e que junto com o racionamento de energia vai, claro, se traduzir em novas quedas tanto na produção industrial quanto nas vendas.

B. Paráfrase 1: Leia-se ai menor oferta de empregos

C. Paráfrase 2: O que no dia a dia significa maior necessidade de controle de orçamento.

Neste caso, observa-se que o enunciado fonte traz uma indicação de que dentro dele já há uma paráfrase, lingüisticamente marcada pela presença do verbo traduzir, cuja função como indicador de explicação parafrástica é evidente. Assim, em vez de dizer que a desaceleração da economia, a alta do dólar, dos juros e o racionamento gerariam, evidentemente, quedas tanto na produção industrial quanto nas vendas, a economista prefere dizer que esses fatores se 'traduziriam' em decréscimo nos índices de aferição do aquecimento da economia. Parece mesmo tratar-se de uma paráfrase já que o verbo traduzir ocupa o lugar de um verbo do campo semântico de gerar, acarretar, ocasionar, dar ensejo a, refletir. Portanto, não se trata de uma reformulação mas de uma substituição lexical, com uma certa finalidade didática.

Na seqüência, identificam-se duas paráfrases, essas, sim, reformulações propriamente ditas do enunciado fonte. Nelas se verifica equivalência semântica e deslocamento de sentidos. Ambas são paráfrases não marcadas e a primeira é uma reformulação que apresenta uma consequência dedutível do enunciado fonte. Na prática, essa paráfrase é também o encerramento do núcleo explicativo – Leia-se ai menor oferta de empregos. O fechamento da explicação dá-se com a segunda paráfrase – O que no dia a dia significa maior necessidade de controle de orçamento. Funcionalmente, essa paráfrase é uma réplica do enunciado fonte, mas pragmaticamente ela é uma réplica da paráfrase feita com o verbo traduzir e mero fecho retórico, que não se coaduna com o que vinha sendo dito antes. Algo do tipo: o que na prática significa investir em formação e performance para manter o emprego, seria, talvez, um fecho 'mais adequado'. Juntas, essas duas paráfrases visam apresentar ao telespectador dados concretos da tese da desaceleração da economia como uma certa catástrofe iminente e que atingiria a todos. Quanto a elas, creio que aqui se possa falar em 'tradução', pois ambas visam 'verter' para o universo do telespectador idealizado os fatos apresentados num conceito que ele compreenda imediatamente: a falta de emprego. Através desse comentário de Salette, o telejornal parece se dirigir não telespectadores bem informados, como de modo geral faz o JR, mas leigos, melhor a (des)empregados, provavelmente os mais afetados com a conjuntura descrita pelo comentário.

Vê-se nas paráfrases 1 e 2 uma passagem do geral para o específico – queda na produção industrial e nas vendas para menor oferta de emprego e necessidade de controle do orçamento. De acordo do Hilgert (op cit: 125), trata-se de paráfrase expansiva, cujas funções são: (a) dar explicações definidoras de matrizes constituídas por noções abstratas; (b) explicitar, precisando ou especificando, informações contidas nas matrizes. No caso em análise, ocorre a função B, pois migrar de desaceleração da economia para controle do orçamento é restringir a informação apresentada. O autor fala em exemplificação para preencher esse tipo de função e é certo que os exemplos são vigorosas estratégias explicativas, todavia, o exemplo aqui focalizado deixa a mostra uma tendência da explicação nos telejornais, qual seja a 'personalização' da exposição, isto é, a tentativa de construir a explicação centrada no indivíduo como se a ele se aplicasse integralmente. A falta de modalizadores concorre para isso. Vê-se que na explicação de Salette não há modalização para dizer que a oferta de empregos atingiria (mais/alguns) determinados segmentos da cadeia produtiva. Esta ausência indica como o discurso televisivo se revela, muitas vezes, generalizante e autoritário, com pouco espaço para o diferente.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sumarizando a análise apresentada na seção anterior, pode-se concluir que a paráfrase e a repetição parecem ser recursos tipicamente explicativos. Quando se parafraseia, mesmo fora do discurso jornalístico, se faz isto movido pela convicção de que o discurso não foi suficientemente claro para o interlocutor ou que é preciso dizer de outro modo para enfatizar, argumentar, persuadir, convencer, esclarecer, etc. Quando se utiliza a paráfrase no telejornal, seja na fala do repórter, ao antecipar a sonora, seja nos comentários, sem dúvida é a dimensão interacional encapsulada pela dimensão lingüística que tem relevo. Está em jogo uma certa concepção de telespectador, qual seja a de que ele precisa ser monitorado, portanto, a informação precisa ser reapresentada, sempre. A repetição, por sua vez, só se consolida como uma estratégia explicativa quando cumpre uma função didática, seja a de repetir para tornar claro, seja repetir para favorecer a retenção da informação. O uso desses recursos lingüísticos confirma a tese de Ebel de que explicar tende a se confundir com dizer e repetir.

Nos dois casos, a dimensão interacional da explicação, e não a ideacional, é que tem destaque. Quando se esperava que a ênfase sobre o assunto tivesse relevo, verifica-se justamente o contrário. Vale lembrar, contudo, que a dimensão ideacional tem uma importância que não deve deixar de ser reconhecida. Para os telejornais, a lógica parece ser outra, mais vale dizer pouco, desde que compreendido pelo telespectador, do que apresentar muita informação sem ser entendido. Nesse caso, parece estar em jogo também a questão da legibilidade, o 'bom telejornal' é aquele que diz o que telespectador médio pode compreender. A configuração da explicação nesse *corpus* demonstra que, das três seções – ancoramento ou formulação da pergunta, núcleo e fechamento –, a primeira e a segunda se mostram mais recorrentes e são ambientes onde paráfrase e a repetição se consolidam.

Os exemplos revelam um aspecto bastante significativo das paráfrases e da repetição no JR, e de resto, quiçá, nos demais noticiários: quem de fato explica no telejornal não são os especialistas, os entrevistados, as fontes, mas os apresentadores e os repórteres que parafraseiam, reformulam, traduzem e repetem o que os primeiros dizem. A palavra final cabe sempre aos integrantes do *staff* do noticiário.

Nesse sentido, é que se pode dizer que o telejornal se outorga o papel de transpor, reformular e apresentar didaticamente determinados temas, mas o faz segundo uma ótica particular, ordenando ao seu modo vários discursos. A retomada do tema explicação ajuda a entender como esse papel é consolidado do ponto de vista lingüístico, enunciativo e discursivo.

Cabe dizer, por fim, que repetição e paráfrase nos telejornais não são apenas meros recursos lingüísticos, parecem ser estratégias próprias do discurso televisivo, que aposta na recorrência e na reiteração, seja de temas, de imagens e de formas de dizer.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. Le prototype de la séquence explicative. In: _____. *Les textes: types et prototypes*. Récit, description, argumentation, explication et dialogue. Paris: Nathan, 1993. p 127 – 143.
- AMSTERDAMSKI, S. Explicação. In. *Enciclopédia Einaudi*. Vol 33. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996. pp. 156 – 193.
- ANTUNES, Irandé C. O papel da repetição na construção do texto. In.: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. no. 15, p 131 – 138, Julho. 1994.
- BARBEIRO, Heródoto e de LIMA, Paulo R. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 252 p.
- BARROS FILHO, Clóvis. Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala da aula. In.: BARZOTTO, Valdir H. e GHILARDI, Maria Inês. *Mídia, Educação e Leitura*. São Paulo: Anhembi-Morumbi: Associação de Leitura do Brasil. 1999 9 – 37 p.

- BARROS, Diana L. P. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In.: Preti, Dino. (org) Fala e escrita em questão. *Projetos Paralelos*, vol 4, São Paulo: Humanitas/ FFLHC - USP, 2000. p 57 – 79.
- BOREL, Marie-Jeanne. Discours Explicatifs. In.: Travaux du Centre de Recherche Sémiologiques –*Quelques réflexions sur l'explication* – N. 36, p 19 – 37, Fevrier. 1980.
- _____. Raisons et explication. *Révue européenne des sciences sociales* XIX (56), p. 37 – 68, 1981.
- BREY, Christian. Les travaux pratiques de reformulation. In.: *Langue Française*. n. 64, p. 69 – 79, Décembre. 1994.
- DOUMAZANE, Françoise. Télévision scolaire et télévision scolarisée. L'exemple de *Vive La Crise*. In.: *Études de linguistique appliquée*. n. 38. p. 27 – 34, avril/juin, 1985.
- EBEL, Mariane. L' explication: acte de langage et légitimé du discours. *Révue européenne des sciences sociales* XIX (56), p. 7 – 14. 1981.
- FISCHER, Rosa M^a . B. O estatuto pedagógico da mídia. Questões de análise. In.: *Educação e Realidade*. n. 22 (2), p. 59 –80, Jul/Dez, 1997.
- GRIZE, Jean-Blaize. Un point de vue sémiologique sur l'explication. In.: Travaux du Centre de Recherche Sémiologiques –*Quelques réflexions sur l'explication* – N. 36, p. 1 – 17, Fevrier. 1980.
- HILGERT, José G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In.: PRETI, Dino (Org.). Análise de textos orais. *Projetos Paralelos*, v. 1. São Paulo: Humanitas/FFLHC, 1999. pp. 103 – 129.
- KOTTAK, Conrad Phillip. Studying Television. In.: _____ Prime-time society. *An antropological analysis of television and culture*. Belmont, USA, Wadsworth Publishing Company. 1991.p 46-52.
- LINO DE ARAÚJO. A língua falada na TV: texto falado ou escrito? In.: *Linguagem e Ensino*. Volume 6, n. 1, jan/Jun. p 57 – 76. 2003.
- _____. Concepções de Linguagem em Telejornais. Comunicação apresentada no *II Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino*, promovido pelo GELNE, João Pessoa, UFPB, de 07 a 10 de setembro de 2003.
- _____. *Um 'professor' no horário nobre: estudo da explicação em telejornais*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação USP. 2004
- MIEVILLE. D. L' explication em Mathématiques. *Révue européenne des sciences sociales*, XIX (56), pp. 115 – 151. 1981.
- PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu . *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 140 p.
- PEYTARD, Jean. Problématique de l' alteration des discours. Reformulation et transcodage. In.: *Langue Française*. n. 64, p 5 – 27. 1984.
- REBOUL, Sandrine. Scientificté et didacticité. Y a-t-il des traaces de discours primaires dans les textes de presse. In.: Un lieu d'inscription de la didacticité les catastrophes naturelles dans la presse quotidienne. *Les carnets du Cediscor*, vol 1. Paris: Sorbonne nouvelle presses, p 95 – 108. 1992.
- REINALDO, Ma. Augusta G. M. *A formulação textual na explicação de textos acadêmicos*. Recife: UFPE, 1994. Tese de Doutorado. Centro de Artes e Comunicação.
- LIMA, João Gabriel de. A guerra atrás das câmeras. In. *Revista VEJA*, no. 1.869, 1. de setembro de 2004, p. 100 – 108.
- ROCCO, M^a. Thereza Fraga. *Linguagem Autoritária*. 2^a. Reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999. 200 p.
- SIGNORINI, Inês. Explicar como fazer X em situações dialógicas assimétricas. In. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, no. 18, p . 127 – 155, Jul/Dez. 1991.
- _____. Pedir informações/explicar: estratégias comunicativas em interações assimétricas letrado/não letrado. In. *DELTA*, vol 10, n^o. 1, p. 29 – 46. 1994
- _____. *Letramento e discurso explicativo*. 1993. Texto inédito.